
Pedagogia do Esporte e Competição Infantil: análise e proposições a partir do Karatê de Contato.

Prof. Ms. Larissa Rafaela Galatti

Docente da UNIPINHAL, IASP (Instituto Adventista São Paulo) e FAJ.

Prof. Mauro E.J.G. Breda

Graduado em Educação Física; Presidente do Toshin-kaikan do Brasil, faixa preta 3. Dan de karatê de contato.

Prof. Dr. Alcides José Scaglia

Docente do IASP (Instituto Adventista São Paulo); coordenador pedagógico do Projeto Campus Pelé; diretor da Universidade do Futebol; diretor pedagógico da Ong AFA.

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Livre Docente da FEF-UNICAMP

Resumo

Os esportes de combate têm passado por um processo de profissionalização, no qual os eventos competitivos são a principal finalidade do processo de treinamento. Tal panorama se estende para o cenário da iniciação esportiva infantil, favorecendo a opção por parte significativa dos professores e técnicos por uma pedagogia que valorize técnicas de maior eficiência em competições, especializando precocemente as crianças e não considerando a formação integral do jovem praticante. Diante disto, o presente artigo tem como objetivo tratar, à luz da pedagogia do esporte, da competição infantil nos esportes de combate. Considerando a grande variedade de modalidades que os esportes de combate agregam, restringimos o estudo ao karatê de contato. A fim de conhecermos a realidade da competição infantil na referida modalidade, realizou-se uma pesquisa de campo, na qual constatou-se a ênfase no resultado e a valorização exacerbada dos vencedores em detrimento de uma preocupação com a formação global da criança envolvida na competição. Após a análise das regras e modelos de competição em que os eventos infantis de karatê de contato vinham sendo realizados, foi proposto um novo modelo, baseado nas características de festival.

Palavras-chave: Pedagogia do Esporte; Competição Infantil; Lutas; karatê

Abstract:

Combat sports have passed through a professionalization process, in which the competitive events are the main purpose of the training process. Such panorama is extended to the scene of the sports initiation, making clear that professors and coaches frequently choose to work with a kind of pedagogy that precociously values techniques that are efficient in competitions, specializing children and not considering the integral formation of the young practitioner. Assuming that, the present article has the objective of discussing about infantile competition in combat sports. Considering the great variety of modalities that are considered combat sports, we restricted the study to full contact karate. In order to know the reality of the infantile competition in this sport, a field research was made, evidencing emphasis in the victory and the in detriment of a concern with the global formation of the involved child in the competition. After analyzing the rules and models of competition we considered applying a new model, based on festival characteristics.

Key Words: Sport Pedagogy; children competition; Fights; karate

Introdução

O esporte tem como uma de suas características a competição, na qual são estabelecidas regras a fim de que os competidores, dentro de uma modalidade esportiva, estejam em condições de igualdade para a comparação de performance entre eles. Também no esporte infantil, a competição está presente e, muitas vezes, de modo marcante, como na modalidade karatê de contato, na qual as regras dos eventos competitivos acabam tornando-se parâmetro para a elaboração das aulas, sendo o processo de ensino e aprendizagem, em certa medida, determinado e orientado para a competição.

Neste contexto, não negamos ou condenamos a competição na infância, mas corroboramos com o questionamento de De Rose Jr & Korsakas (2006, p.251), em relação à mesma: "Como lidar com as questões inerentes a ela e que, muitas vezes, passam a ser inibidoras da aprendizagem quando não organizadas e estruturadas de forma adequada às necessidades dos praticantes?"

Buscando apontar uma estrutura de organização e inserção da criança nas competições de Karate de Contato, iniciaremos este artigo abordando a competição na infância; a seguir, a modalidade será apresentada por meio de sua história e caracterizada através de suas regras, sendo descritos os modelos de competição infantil aplicados em eventos regionais, estaduais e nacionais organizadas por três das

entidades promotoras do karatê de contato no Brasil: a Toshin-kaikan, a Kyokushin-kaikan e a Seiwakai, consideradas os mais tradicionais no estado de São Paulo. Tendo em vista que a análise dos modelos existentes os apontou como inadequados, o presente artigo propõe uma nova possibilidade de inserção de crianças em eventos competitivos de lutas, sendo este aplicado em torneios regionais e estaduais promovidos pela Toshin-kaikan no estado de São Paulo, buscando aproximar as propostas de inserção infantil no ambiente competitivo com as necessidades físicas, psíquicas e afetivas da criança.

A competição Infantil

A competição infantil tem sido alvo de muitas pesquisas e debates dentro da Educação Física. Questiona-se muito se ela deve ou não estar presente no ambiente da iniciação esportiva. Segundo De Rose Jr & Korsakas (2006, p.252), a competição, no âmbito esportivo:

Refere-se à disputa entre indivíduos ou grupos (equipes) que, a partir de princípios de iguais possibilidades, buscam objetivos bem definidos dentro de um evento esportivo, respeitando as regras da modalidade a ser disputadas. Nela é feita a avaliação e a comparação do desempenho de uma pessoa, ou grupo, com algum padrão já estabelecido ou com o desempenho de outras pessoas.

Os relatos relativos à competição esportiva datam da Antiguidade e, em relação à competição na infância, aparecem na Grécia Antiga, com registros referentes à corrida e às lutas, tema de nosso estudo (DE ROSE JR., 2002a).

A competição no momento da iniciação, a priori, não nos parece ser um problema, visto que é comum a criança desejar competir, tendo em vista que muitas vezes é o atleta profissional e que compete que a atrai para o esporte. O problema parece estar na forma como esta competição é feita e quais os objetivos de quem a propõe. Paes (1997, p.29), nos alerta para esta questão:

Tal como acontece no desporto que é feito pelos adultos, o problema não está na competição e sim nos adultos que a organizam, estabelecendo normas e regras que valorizam somente os vencedores.

O desporto infantil não deve ser orientado para se fazer campeões, pois este é objetivo das competições para os adultos. Obrigar a criança a ser campeã é a mesma

Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 8, n. 11, jul/dez 2007– ISSN 1679-8678

coisa que obrigar a criança a trabalhar numa fábrica e exigir-lhe rendimento. Deve proporcionar torneios e jogos e, com este procedimento, oferecer maiores possibilidades e oportunidades de sucesso.

Independentemente das razões que levaram a criança até a competição, é importante que se discuta para qual ambiente competitivo ela está pronta para relacionar-se, já que os modelos tradicionais de competição buscam eliminar competidores para que se aponte o merecedor do rótulo de campeão.

Outro ponto que nos parece demasiadamente complexo para a criança é o lidar com a incerteza da competição, já que é impossível preconizar quem sairá vencedor e quem sairá derrotado, sendo as crianças, em geral, preparadas apenas para vencer e não para lidar com a derrota. Nesta perspectiva, a competição não estaria colaborando para a manutenção da criança no esporte e pelo aumento de seu interesse na modalidade escolhida; ao contrário, a situação estressante vivenciada pode afastar de forma permanente a criança do ambiente esportivo, tirando da mesma a oportunidade de usufruir das possibilidades de educação social que a prática no cotidiano esportivo e mesmo da vivencia de um ambiente competitivo adequado poderiam lhe proporcionar.

A fim de ilustramos os questionamentos levantados e exemplificarmos um tratamento adequado à competição no momento da infância, trataremos do tema a partir da modalidade de esporte de combate karatê de contato. Se as discussões em torno da prática dessas modalidades por crianças já são acirradas, sua participação em eventos competitivos se mostra ainda mais questionável, apontando para a relevância da iniciativa deste artigo. Faz-se necessário, entretanto, uma breve introdução sobre o karatê de contato.

Karatê de Contato: origens e caracterização.

O karatê é uma modalidade de luta que foi sistematizado por Gishin Funakoshi, em 1936, no Japão, com a utilização apenas do corpo como meio de combate; por esta razão, do nome karatê, onde "kara" significa vazio e "te" significa mão, estando consolidada a arte das mãos vazias. Funakoshi criou o Shoto-kan, que foi o primeiro nome dado a um estilo de Karatê, sistematizando, inclusive, estratégias de ensino e treinamentos básicos

para a nova modalidade de luta que envolvia, sobretudo, as técnicas de média distancia, em especial socos, chutes e joelhadas em diferentes pontos do corpo do adversário.

Todos os grandes mestres de karatê da época passaram a praticá-lo, inclusive Masutatsu Oyama, que em 1957 fundaria o Kyokushin-kaikan, dando origem ao Karatê de Contato¹, uma modalidade de luta relativamente nova, porém de filosofia milenar (NAGATA, 2000, pg. 07). O karatê criado por Oyama, ao contrário dos outros estilos já existentes, permitia o contato físico entre os competidores e apresentava ênfase no “kumite” (luta entre dois karatecas) e não no “kata” (luta imaginária contra um ou mais adversários), como fazia o karatê tradicional. Na época, para difundir esse estilo de luta pouco aceito pelo povo japonês devido a sua agressividade, Oyama fazia excursões pelo Japão e logo pelo mundo, fazendo demonstrações de quebramentos (*tameshuari*), desafiando lutadores de outras modalidades e enfrentando até mesmo animais, como touros. (NAGATA, 2000, pg 06)

Ao longo dos anos novos estilos de karatê de contato foram se formando e o karatê de contato se consolidou, ganhando adeptos em todo o mundo, existindo hoje diversas organizações internacionais de escolas de karatê de contato, sendo a grande maioria baseada no estilo de Oyama, que passou a ser conhecido e respeitado por todo o país como a arte do karatê real.

O presente estudo se desenvolveu a partir de aulas de karatê de contato do estilo Toshin-kaikan, criado em 1984, no Japão. O Karatê de Combate Toshin-kaikan é um dos poucos que não tem em sua árvore genealógica ligações diretas com o Kyokushin-kaikan, entretanto as proximidades das regras e treinamentos tradicionais são bastante próximos, já que, como afirma Nagata (2000, p.93): “O karatê em si é o mesmo e as bases filosóficas perduram ainda hoje”. No Brasil, o Toshin-kaikan é considerada um estilo moderno e criativo, por ter em seus meio profissionais da área de Educação Física, que buscam em estudos diversos melhorar o rendimento dos atletas e também das crianças, dando-as desafios e novos panoramas de aprendizagem, onde todas devem buscar o aperfeiçoamento e o crescimento geral, não somente o competitivo (BREDA, 2003, pg. 12).

¹ Estilos de Karatê que aceitam o contato total dos golpes, sem a necessidade do controle da força e velocidade.

A Esportivização das Lutas e os Reflexos nas Competições na Infância

As artes marciais são de origem oriental e muito disciplinadora. Quando chegaram ao Brasil, as artes marciais tinham a finalidade do ensino da arte, das tradições. O tempo passou e estas passaram a se manifestar também através de competições, visando os resultados, passando a ser esporte. Entendemos que o formato competitivo afasta as lutas praticadas hoje no Brasil da caracterização de arte marciais, passando essas a responder como modalidades esportivas, dentro dos chamados “esporte de combate”.

O fato das lutas serem abordadas enquanto esportes de combate não é ruim, uma vez que este processo se mostra importante na manutenção e crescimento da prática das lutas na atual sociedade brasileira; entretanto, também não é imediatamente positiva, como aponta Medina (1992, pg. 141), quando este diz “que não podemos entender que o esporte, por si só, possa significar saúde, educação e cultura, numa perspectiva de autêntico desenvolvimento humano”, sinalizando que o esporte é passível de diferentes significados. A este respeito, nos remetemos a Belbenoit (1976) apud Scaglia (1996), quando este aponta que “O desporto não é educativo sobre todos os planos, a menos que um educador faça dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação”. Montagner (1993), também trata da importância de um direcionamento educacional positivo para ao esporte:

(...) o esporte pode não ser educativo *a priori*, pois é preciso fazer dele um meio educacional, e o esporte só o será quando tiver por finalidade a transferência ao atleta (aluno) não só de conhecimento técnico-esportivo como também de valores culturais que possam levá-lo a um verdadeiro crescimento.

As competições de karatê de contato visam, acima de tudo, o nocaute do adversário (quando o adversário não pode mais prosseguir na luta). Não importa qual a idade, peso ou faixa dos chamados “atletas”, o importante é vencer por nocaute. Nas aulas, geralmente os alunos treinam juntamente com os adultos, para assim “copiarem” seus movimentos, sendo que “a maior parte das atividades físicas propostas às crianças refere-se a práticas adultas codificadas” (OLIVIER 2000, pg 9). Os alunos são motivados a treinarem o mais forte possível para assim, quando em competições, reproduzirem os golpes de maneira mais fiel, para saírem vencedores da disputa. Em geral, as academias de lutas vivem de resultados competitivos, ou seja,

se a equipe participa e vence, aumenta-se o número de medalhas e, posteriormente o número de praticantes.

Tal panorama se estende para o cenário da iniciação esportiva infantil em lutas, favorecendo a opção por parte significativa dos professores e técnicos por uma pedagogia que valorize técnicas de maior eficiência em competições, especializando precocemente as crianças e não considerando a formação integral do jovem praticante. Também nos eventos competitivos, observa-se a utilização de modelos semelhantes para crianças e adultos.

No karatê de contato as regras internacionais atuais variam entre as organizações. Algumas permitem o agarre da cabeça para que se possa atingir o oponente com joelhadas, outras permitem o agarre das pernas durante a execução de chutes do adversário, etc. Em geral, as regras básicas permitem socos somente na altura do tronco e chutes e joelhadas nas pernas, tronco e rosto. Basicamente, existem duas alternativas para o tempo de luta: ou são realizados três rounds, sendo o primeiro de três minutos de duração e os demais de dois minutos, intervalos máximos de vinte segundos; ou são utilizados três rounds de três minutos cada, com um minuto de intervalo entre eles. As lutas podem terminar a qualquer momento se um dos atletas conquistar um *ippon* ou nocaute, que seria atingir o adversário de forma que este não consiga mais prosseguir na luta. Quanto ao local, os combates podem ser realizados em uma área denominada *tatame* ou ringue de boxe. Não é permitido nenhum tipo de proteção para o corpo e, somente nas competições de faixas coloridas, é permitido o uso de capacetes de proteção e caneleira.

No caso de competições infantis, existem ajustes do modelo competitivo adulto, sendo o primeiro deles relativo ao tempo e a quantidade dos rounds, que é diminuído, sendo realizados até dois *rounds* de dois ou um minuto. Observando eventos competitivos de alcance regional, estadual e nacional entre os anos de 2001 e 2003, promovidos pelas Organizações de karatê de contato *Kyokushinkaikan*, *Seiwakai* e *Toshinkaikan*, todas sediadas no estado de São Paulo, pudemos observar estratégias diferentes de promover a disputa entre as crianças, sendo permitida a participação a partir dos cinco anos de idade:

(A) uma criança aplica golpes diversos contra um adulto estático enquanto seu adversário faz o mesmo, vencendo aquele que mais desferir golpes;

(B) duas crianças combatem entre si utilizando equipamentos de proteção com adaptações nas regras que preservem a integridade física dos participantes², saindo-se vencedor aquele que for superior durante a luta, ou atingir o nocaute.

Apesar das estratégias diferentes, todos os eventos organizavam-se a partir do chaveamento das crianças, com a eliminação dos competidores até ser determinado o campeão. Com o aprofundamento da análise, identificamos as seguintes inadequações: (1) o formato de disputa é sempre de eliminatória simples, ou seja, o prosseguimento na disputa se dá com a vitória, sendo o perdedor eliminado automaticamente; (2) a criança que tem mais títulos anteriores é favorecida no chaveamento dos torneios; (3) os critérios para designar o vencedor valorizam em demasia a técnica em detrimento a tática, descontextualizando a modalidade; (4) excesso de valor da vitória.

Quanto a esses pontos, levantaremos alguns questionamentos:

1. Se tratamos de um esporte de combate, de uma luta caracterizada pela oposição entre duas pessoas, por que duas crianças devem bater em um alvo (atleta adulto) teoricamente parado, saindo o vencedor aquele que mais desferir golpes – no julgamento dos árbitros – não importando a execução desses e sim a quantidade; será que dessa forma há contribuições para o crescimento da criança dentro da modalidade?

2. No segundo caso, também temos a vitória ou a derrota de um dos competidores, onde os árbitros laterais julgam o campeão e o perdedor. Assim, uma das crianças sai super motivada, pois venceu, enquanto a outra criança tende a se frustrar esportivamente, aumentando as possibilidades de abandono do esporte.

3. Como o mais importante é a vitória, o professor torna-se um incentivador da agressão, pois se posta ao lado da área de luta e passa a gritar para que o aluno realize esse ou aquele golpe buscando o nocaute que lhe dará a vitória;

4. Se a criança já é competidora, deve ter algum título e por já ser “experiente”, torna-se cabeça de chave, favorecendo-a em disputas com os participantes mais fracos e “inexperientes”; assim, é comum que uma mesma criança chegue sempre às finais, desmotivando as demais;

² os golpes na altura da cabeça não devem derrubar o adversário, encostar o pé no capacete do adversário já dá uma vantagem ao lutador que, repetindo duas vezes o golpe na altura da cabeça, conquista a vitória e o combate é encerrado.

O aluno que mais desferir golpes sai vencedor da competição: mas será que uma criança em crescimento ósseo está pronta para receber golpes que visam o nocaute? Não apenas fisicamente, mas também psicologicamente a criança não está apta para tal;

Como já foi citado anteriormente, os alunos são orientados a treinar o mais forte possível para terem um rendimento satisfatório nas competições, contrariando a afirmação de Paes (1997, pg 28) de que, "todo treinamento realizado com crianças antes da terceira infância é prejudicial à sua formação". Na seqüência, o autor se remete diretamente à competição: "Tal como acontece no desporto que é feito pelos adultos, o problema não está na competição e sim nos adultos que a organizam, estabelecendo normas e regras que valorizam somente os vencedores" (PAES, 1997, pg.29).

Corroborando com o autor, após a verificação e análise da realidade das competições de karatê de contato no estado de São Paulo, passamos a direcionar o estudo para a proposição de uma possibilidade de inserção das crianças nos eventos competitivos da modalidade, tendo como preocupação central o respeito às características e necessidades da criança, muitas vezes desconsideradas pelos organizadores de eventos, ou por desconhecimento ou por não ir ao encontro de seus interesses.

Karatê de Contato e Competição Infantil: da ênfase no resultado para o foco na criança.

Os pensamentos de Paes quanto à iniciação esportiva infantil parecem estar presentes no meio das Lutas, quando este diz que

"o desporto infantil não deve ser orientado para se fazer campeões, pois este é o objetivo das competições para adultos. Obrigar a criança a ser campeã é a mesma coisa que obrigar a criança a trabalhar numa fábrica e exigir-lhe rendimento. Deve proporcionar a ela muitos torneios e jogos e, com este procedimento oferecer maiores possibilidades e oportunidades de sucesso" (PAES, 1997, pg. 29).

Mesmo quando o técnico-professor opta por participar de competições, seu comprometimento educativo não deve diminuir, ao contrário, será necessário

trabalhar de forma educativa os fenômenos presentes na competição, como nos orienta Montagner (1993, p.95):

O técnico-educador deve ensinar e transmitir os conceitos do esporte de competição não apenas ao atleta presente, mas para o homem futuro, aquele que vai interagir, partilhar e participar da sociedade. Para isto, o esporte não deve ser um fazer simplesmente mecânico, mas ser um incorporador de atitudes, um formador integral da personalidade.

Após a análise das competições infantis de karatê de contato no estado de São Paulo, observamos que os modelos vigentes podem favorecer o afastamento da criança da modalidade, ao invés de estimulá-la a novos aprendizados. Um dos motivos para para isso pode estar na obrigatoriedade de determinação de um vencedor já desde as primeiras categorias competitivas. Entretanto, como ressalta Galatti (2002, p. 35), não podemos desconsiderar a competição, mas buscar adequá-la aos objetivos educacionais do esporte na infância:

A valorização da vitória em detrimentos dos derrotados é uma questão cultural fortemente verificada no esporte competitivo e, infelizmente, verificada constantemente também no desporto infantil. Ao acreditarmos no esporte enquanto um fenômeno educativo, não podemos excluir um elemento tão importante que é a competição, e que também pode ser tratada de forma a questionar seus próprios valores, como esta questão da vitória e derrota.

Da mesma forma, não podemos utilizar os mesmos modelos das competições de adultos para crianças, como complementa a autora, reafirmando a relevância da competição no processo formativo da criança, mas com adequações que as tornem possíveis, sinalizando possibilidades para modalidades esportivas coletivas:

Propomos, para iniciantes, que sejam organizados pequenos torneios ou evento, de curta duração e que privilegie a participação de todos; iniciativas em que as equipes não se confrontem, mas se integrem, se mostram bastantes educativas, como festivais em que os jogadores de um time se mesclam aos de outro para formar uma equipe. Os técnicos-professores precisam estar preparados para trabalhar de forma positiva tanto com a vitória como com a derrota, não priorizando os resultados, mas as relações grupais e sinais de desenvolvimento pessoal em função da competição. (GALATTI, 2002, p.35)

Assim sendo, considerando as competições infantis na modalidade karatê de contato – dos cinco anos aos dez anos de idade –, não estávamos satisfeitos com os modelos de eliminatória simples e com regras que priorizam a técnica em detrimento do livre desenvolvimento de habilidades e visualizações táticas da lógica da luta de karatê. Observamos, ainda, que os modelos vigentes atendiam ao que De Rose Jr. (2002b) apontou como fatores desfavoráveis da competição infantil, sendo estes: o início induzido e-ou antecipado, a prática de gestos específicos, a especialização precoce, em nosso caso, a exigência de sempre ter de lutar bem, além de ter de vencer sempre e a qualquer custo.

Tendo sido constatados os problemas nos modelos até então praticados para as competições infantis no karatê de contato, partimos para a elaboração de um modelo que respeitasse ao que De Rose Jr. (2002b) chamou de fatores favoráveis para a inserção das crianças na competição, que aproximamos para as especificidades das modalidades esportivas de combate: o início espontâneo, a prática de diferentes atividades motoras, oportunidade de lutar, lutar de acordo com as suas competências e limites, a condição de poder divertir-se e desfrutar da atividade, vencer quando possível.

Partindo dos princípios supracitados, elaboramos uma proposta mista, envolvendo o festival e o torneio, podendo crianças de qualquer idade participar dos eventos. As crianças até os 10 anos de idade não mais seriam divididas em chaves que as eliminariam até ser determinado o campeão: este modelo foi substituído pelo festival. Neste, cada criança participa de duas a três lutas, com diferentes crianças, no tempo aproximado de um minuto cada luta, na qual não importa quem tem a melhor técnica ou quem ataca mais durante a luta, sendo ambos orientados apenas pelo árbitro central para que se contenham durante a luta e “brinquem” da mesma forma que fazem no *Dojô* (sala de aula de lutas). Com a extinção da determinação do vencedor, as crianças não se vêem mais obrigadas a utilizar o golpe mais eficaz, mas sentem-se livres para apresentar ao público a maior variedade de habilidades que conhece, sempre em interação com outra criança, experimentando também noções de tática.

Já as crianças entre 10 e 12 anos podiam optar entre o festival ou um torneio. Justifica-se a inserção da competição a partir dos 10 anos por ser uma faixa etária em que as crianças estão aptas a optar consciente por competir ou não, tendo clara a possibilidade da vitória ou derrota e lidar com os diversos elementos que envolvem a

competição, apresentando competências físicas, motoras, cognitivas, afetivas, sociais e morais para lidar com a complexidade de fatores que compõem um evento esportivo (FERRAZ, 2000).

Corroborando, De Rose Jr & Korsakas (2006, p.257) apontam que é por volta dos 11 e 12 anos de idade que a criança atinge o estado de prontidão esportiva para participar de competições mais organizadas, mas destaca que estas devem ser diferentes daquelas organizadas por adultos. Sendo assim, a criança que opta pelo festival participa deste dentro dos mesmos moldes do festival realizado para crianças até 10 anos; a participação de crianças de diferentes faixas etárias no festival, com regras modificadas, tem se mostrado consistente na promoção da co-educação, já que é comum que crianças mais velhas, na faixa dos 12 anos de idade, quando lutando com uma criança de 5 ou 8 anos de idade, participe da luta mais como um colaborador, mostrando novos golpes e estimulando a criança mais nova a executá-los. A competição para crianças entre 10 e 12 anos, por sua vez, não mais é organizada no modelo de eliminatória simples, como acontece nos torneios adultos: as crianças que perdem são direcionadas para o festival, onde tem a oportunidade de participar de mais dois combates. Desta forma, não se deixa de valorizar o vencedor, que teve méritos, mas não privamos as crianças derrotas de aprender com a luta e de ter uma segunda chance de demonstrar sua evolução ao longo das aulas.

Os modelos propostos para competição infantil foram executados em duas edições da "Copa CFC de Karatê Toshin-kaikan", nos anos de 2004 e 2005. Trata-se de um evento regional, realizado anualmente na cidade de Cosmópolis-SP, que além das categorias infantis em moldes renovados, tem também competições adultas nos modelos tradicionais. Tendo em vista a grande participação das crianças no festival e a manutenção das mesmas nas aulas de karatê, a Organização Internacional de Karatê Toshin-kaikan aprovou o modelo e o aplicou no Campeonato Paulista de 2006. Com a ampliação do modelo, observou-se a necessidade de avanços não apenas nas regras das competições, mas de uma preparação para os árbitros e familiares das crianças, que muitas vezes conhecem apenas o modelo tradicional e vem assistir ao evento na expectativa de ver o filho competir e vencer, nem sempre contentando-se com a participação no festival, por mais que muitas vezes a própria criança se satisfaça com o mesmo.

Cabe destacar a importância da figura do árbitro, sendo este também um agente pedagógico, em especial nos festivais, estimulando a criança a tentar novos

golpes, a compreender a importância da criança que luta com ele e não apenas contra ele. É também o árbitro quem inibe os professores mais exaltados, que nem sempre estão preparados para a mudança de perspectiva do torneio para o festival. Neste sentido, reuniões, palestras e um processo contínuo de formação dos professores se fazem necessários.

Também a família deve ser inserida no processo, como sinaliza Montagner (1993, p.19):

(...) a família aparece como um importante fator no processo educativo por ser o primeiro momento de convivência do Ser Humano com os valores e hierarquias encontrados na sociedade. À medida que se percebe o peso da família, como componente efetivo e influente no processo, deve-se considerar e avaliar esses efeitos em diversos âmbitos e também no âmbito esportivo.

O autor nos aponta, ainda, que as famílias de classe média, em geral, vêem o esporte como um complemento da educação formal. Em outros casos, especialmente quando nos referimos às famílias de baixa renda, o esporte pode ser entendido como um meio de ascensão social e econômico. Assim sendo, é comum que os pais criem expectativas em torno das realizações dos filhos: ou pela expectativa de vê-lo realizar aquilo que não foi possível a ele, ou por enxergar possibilidades de um futuro melhor em termos sócio-econômicos, entre outros. O esporte se mostra um potente meio para que tais aspirações se manifestem, o que pode comprometer o gosto das crianças pelo esporte e até gerar traumas físicos ou emocionais. Balbino (2001, p.65), nos alerta para a manutenção do foco nos interesses da criança:

Neste processo elaborado de iniciação, tem-se em conta que o esporte é o futuro dado como certo para o iniciante. É necessário que se faça à reflexão em torno dos objetivos da criança, que com certeza se posicionam muito mais em referência ao prazer, alegria e divertimento que o jogo pode provocar, do que planejamentos por longos anos dentro da atividade esportiva. (BALBINO, 2001, p.65)

Espera-se que as mudanças organizacionais da competição contribuam para que família e professores propiciem às crianças encontrar no ambiente da competição um momento de aprendizagem não apenas técnico-tática, mas especialmente de convivência e de cooperação, na medida em que o "lutar contra" está sendo substituído pelo "lutar com", estando uma criança demonstrando com a outra o que vem aprendendo ao longo das aulas de karatê, corroborando com Baptista (2003, p.85):

“A competição deveria ser um evento educativo e descontraído, onde seriam colocados em prática as atitudes e os valores assimilados durante as aulas, dando oportunidades para que o professor analisasse o comportamento dos seus alunos”.

O karatê não pode resumir-se a uma comparação de técnicas. A própria tática, elemento que possibilitaria ao aluno lidar melhor com a imprevisibilidade que rege um combate, tendo em vista que este na dá na interação entre dois indivíduos em uma situação de oposição, é desconsiderada no treinamento tradicional e vem sendo mal trabalhada atualmente nas academias de lutas. Mais que isso, é essencial que, ao passar por um processo de esportivização, as lutas não percam seu caráter educacional, mas eduquem dentro de uma nova concepção de luta que a demanda social de seu tempo exige.

Quando inseridas em um contexto de competição, é imprevisível que as lutas mantenham um dos seus princípios fundamentais que é a formação do homem em sua globalidade. Para tal, há de se repensar constantemente qual é o papel da competição, sobretudo na infância, no processo de formação do ser humano. Para tal, destacamos a reflexão de De Rose Jr & Korsakas (2006, p.260):

Competir não deveria significar, exclusivamente, ganhar ou perder. Não deveria expressar somente o predomínio do mais fortes sobre o mais fraco ou do mais habilidoso sobre o menos capaz. Competir deveria ser a oportunidade de mostrar o quanto se evoluiu no desempenho das habilidades técnicas e tática de uma determinada modalidade esportiva e o quanto as crianças aprendem a resolver problemas e tomar decisões, mesmo que equivocadas, em determinado momento.

Considerações Finais:

Balbino (2001, p.74): A conexão de crenças e valores, experiências de vida e os produtos que resultaram dessas experiências, nem sempre bem sucedidas, tem projeção nos procedimentos pedagógicos praticados por estes agentes (refere-se aos agentes pedagógicos, entre os quais estão o técnico ou professor). As relações estabelecidas no processo de iniciação e formação esportiva entre agentes pedagógicos e as crianças e jovens são inevitáveis e determinantes.

Assim, é importante nos remetermos à formação profissional e pedagógica das pessoas que atuam na iniciação esportiva. Além de conhecer o karatê, sua técnica,

tática, aspectos físicos e métodos de aplicação, é fundamental ao professor uma fundamentação pedagógica, conhecimentos ligados ao desenvolvimento motor e psico-cognitivo da criança, além de elementos que lhes dêem possibilidades de compreender o contexto sócio-cultural no qual estão inseridos seus alunos, para que possam intervir de modo a construir mudanças, e não impor valores.

Dentro desta compreensão, cabe o trato pedagógico também em relação à competição, em especial na infância, sendo necessário que o professor seja respaldado por uma formação que lhe permita construir modelos adequados para crianças, deixando de simplesmente reproduzir modelos aplicados aos adultos. Certamente a competição infantil é um tema complexo, que deve envolver em seu debate dirigentes, professores, árbitros, pais e, em especial, a própria criança, que muitas vezes se vê envolvida em uma competição que responde às necessidades de quem a propõem, e não as suas próprias aspirações, desejos e competências.

Referências Bibliográficas:

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas:** bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BAPTISTA, C. F. S. **Judô:** da escola a competição. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

BREDA, M. E. J.G. **Apostila do Karate de Combate Toshin-kaikan:** Organização Internacional de Karate e Muay Thai Toshin-kaikan do Brasil. 2003.

BREDA, M.E.J.G. **Pedagogia do Esporte Aplicada Às Lutas:** um foco no Karatê de Contato. 2006. 54p. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física) – Faculdade de Educação Física do Instituto Adventista São Paulo – IASP, Hortolândia.

DE ROSES JR, D. (a) A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: DE ROSE JR., D. (Ed.) **Esporte e atividade física na infância e adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DE ROSES JR, D. (b) A importância dos técnicos na formação de futuros atletas. . In: SONOO, C.N.; OLIVEIRA, A.A.B. (Eds.) **Educação Física e Esportes**: os novos desafios da formação profissional. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2002.

DE ROSES JR, D; KORSAKAS, P. Competição e Ensino do Desporto in: TANI,G., BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.251-261.

FERRAZ, O. O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. In: DE ROSE Jr., D. (Ed.) **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre, Artmed: 2002.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte**: discutindo o processo de ensino-aprendizagem na modalidade basquetebol. 2002. 98f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MEDINA, J. P. S. **Reflexões Sobre a Fragmentação do Saber Esportivo**. Em Moreira, W.W. (org). Educação física e esportes. Perspectivas para o século XXI. SP. Papyrus, 1992.

MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição X educação?:** o caso do basquetebol. 1993. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

NAGATA, J.K. **Apostila do Karatê Kyokushinkaikan**: Confederação Brasileira Kyokushin-kaikan Karatê. 2000.

OLIVIER, J.C. **Das Brigas aos Jogos com Regras**: enfrentando a indisciplina na escola. RS: Artmed, 2000.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. 3.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

SCAGLIA, A.J. Escolinha de Futebol: uma questão pedagógica. **Motriz Revista de Educação Física**. v. 2, n. 1.